

Introducción a Historia de las Colecciones e Historia de los Museos

Sergio Lira

Universidade Fernando Pessoa-Porto

Editor invitado

História das colecções e histórias dos museus poderia parecer, numa visão apressada, uma temática serôdia, batida, debatida e rebatida, se não até à exaustão pelo menos já à saciedade. Mas não: história das colecções e história dos museus é uma área de investigação perene, interessante e viva, como bem o demonstram os textos que agora se dão à estampa e, assim, ao público. Os estudos museológicos contemporâneos sobre a história das colecções e sobre a história dos museus têm respigado, tratado e apresentado dados e informações essenciais para a compreensão do que são os museus hoje e para o caminho que lhes queremos apontar num devir próximo. Tais estudos permitem compreender a actual realidade museológica, fundada numa (já) longa cronologia de alterações, mutações, evoluções e permanências. Essa compreensão, assim fundada, é pedra angular de qualquer construção teórica sobre a instituição museal contemporânea, e pedra de toque de toda a avaliação museológica ou museográfica que se deseje fundamentada. Estamos, pois, perante uma área de investigação de superior interesse e actualidade que congrega trabalhos de qualidade e significado eminentes, com os que seguidamente se referem.

Inicia o volume com o texto de Marize Malta, sobre o Museu D. João VI (Rio de Janeiro) e os seus quase dois séculos de alterações e evoluções. Conduz-nos a autora desde os primórdios da instituição (1816) até às profundas mudanças que ocorreram entre 2005 e 2008, anos em que o museu esteve encerrado para remodelação. A reabertura veio a mostrar um museu de nova feição, e também nova função, menos preocupado com os aspectos expositivos e mais atido à “inspiração”, que seja capaz de gerar, nas palavras de Marize Malta, “um museu para ser estudado, vasculhado, repensado, revisitado e transformado a cada visita: um museu de inspiração.”.

Vera Lúcia Nagib Bittencourt apresenta-nos um olhar sobre a escrita da história da cidade de S. Paulo na óptica do Museu Paulista, especificamente no consulado do seu Director Affonso de Taunay (1917-1945). Para esse período, analisa este texto a musealização de acervos pessoais, com todas as implicações de escolha, de decisão, de eleição do que se guarda e do que se despreza, do que institucionaliza e do que se descarta. Nesta perspectiva, a instituição museal participa activamente na própria escrita da história, porque selecciona o que se guardará e que se perderá. A comemoração do centenário da independência não terá sido alheia a este processo, e, desta forma, o caso que nos é dado por Lúcia Nagib Bittencourt é um caso de eleição para se compreender a dinâmica de intervenção das instituições museológicas na própria perpetuação de uma determinada narrativa da História. Entre 1911 e 1937 esteve à frente do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa José de Figueiredo. Sendo um dos mais importantes directores que este museu conheceu chegou a esse cargo aos seus 40 anos, e nele se manteve por pouco mais de um quarto de século. Joana Baião apresenta a actividade de José de Figueiredo enquanto director do Museu Nacional de Arte Antiga dando especial enfoque à reorganização que o Museu conheceu sob a sua batuta, numa constante tentativa de o valorizar enquanto local de investigação e de produção de conhecimento. José de Figueiredo pugnou pela reorganização museográfica dos acervos, exigindo para isso alterações à arquitectura do próprio edifício e quebrando com algumas tradições de longa duração em Portugal no que respeita ao ordenamento das peças em museus de arte. Citou e seguiu o que se vinha fazendo em outros museus europeus, tornou as exposições mais atractivas e compreensíveis e elevou o Museu Nacional de Arte Antiga ao lugar de exemplo nacional que manteve por longas décadas.

O texto de Zita Rosane Possamai trás à ribalta um museu que, nas próprias palavras da autora, é pouco citado na bibliografia brasileira, malgrado a sua importância e significado. Trata-se do Museu Julio de Castilhos (Rio Grande do Sul), criado em 1903. Este museu, originalmente concebido como uma instituição enciclopédica, mudou de feição nos anos 1920 e a autora propõe-nos uma análise dos significados desses distintos períodos e da mudança entre eles operada. Conduzindo o texto sempre balizado por outras realidades museológicas Brasileiras coevas, Zita Rosane Possamai leva-nos através das décadas de existência deste museu, plasmando a recíproca influência entre a história do Brasil e a instituição. Conclui afirmando ser ente um “museu mutante”: “O museu, assim, pode ser vislumbrado como um microcosmo social que interage com um todo maior, nele atuando e dele sofrendo interferência.”.

O Museu de arte Contemporânea/Museu do Chiado, criado em 1911 pela 1ª República, é o objecto de análise do texto de Raquel Henriques da Silva, que lhe segue o percurso até década de 1960. A autora advoga que este museu correspondeu a uma dupla intenção – a de libertar espaço para o Museu Nacional de arte Antiga, e a de eleger a pintura naturalista dos finais do século XIX. O texto apresenta ao leitor a génese desta instituição, percorrendo alguns dos documentos que lhe deram origem e que lhe moldaram a feição e concluindo que este museu não foi filho primogénito da política museológica e cultural da República, mas sim sub-produto do privilégio dado ao Museu Nacional de Arte Antiga. As controvérsias da destituição do seu primeiro director e os meandros políticos que tal encerra são também dissecados por Raquel Henriques da Silva que acompanha as novidades artísticas que o Museu recebe nas primeiras décadas do século XX desaguando na direcção de Diogo de Macedo e no refrescar, embora tímido, que tal significou. Termina o texto com a análise da intervenção do poder político com a nomeação de Eduardo Malta para director do museu e do catálogo para que Dulce Malta redigiu texto introdutório. O anti-semitismo de tal texto é dissecado por Raquel Henriques da Silva, numa análise que nos leva às memórias da primeira metade do século XX na Europa. O Museu, sempre filho segundo “permanece hoje ainda, ‘provisoriamente’ instalado no ex-Convento de S. Francisco...”.

Luís Filipe da Silva Soares apresenta-nos no seu texto um projecto de investigação que almeja disponibilizar fontes para o estudo da história dos museus de arte, em Portugal. Estabelecendo a importância e a relevância dos museus de arte, bem como as suas raízes históricas significativamente recuadas, o texto aponta-nos a metodologia seguida no projecto bem como as fontes primárias que se pretendem disponibilizar, abordando as várias tarefas que o projecto prevê.

Leonor Oliveira parte da sua investigação de doutoramento, em curso à época de redacção do seu texto, para analisar o papel das exposições no panorama artístico português de finais da década de 1950 e inícios da seguinte. Trás, naturalmente, à colação o papel desempenhado pela Fundação Calouste Gulbenkian (a partir de 1956) e o novo paradigma – defende – para a apresentação da arte contemporânea em Portugal. Historiando a intervenção da Fundação no panorama artístico nacional, e perspetivando as exposições realizadas, bem como o desempenho de alguns dos seus protagonistas, Leonor Oliveira dissecou uma realidade cronologicamente curta mas de superior significado na história da exposição e da museologia da arte em Portugal.

Num texto pleno de originalidade, Maria Alice Ciocca De Oliveira e Marcus Granato propõem-se adaptar o método prosopográfico à construção das histórias de existência de objectos museológicos, em particular aqueles que constituem a Coleção de Objetos de Ciência e Tecnologia do Observatório do Valongo, Rio de Janeiro. Observando as marcas que nesses objectos foi deixando o seu uso, os autores reconstituem os seus percursos e a sua entrada no domínio de peças de acervo museológico; conhecem também a própria formação da colecção e recolhem dados essenciais para a compreensão do ensino da astronomia no Observatório: de facto, muitos destes objectos, fabricados nos séculos XIX e XX, foram usados em aulas práticas. O texto apresenta-nos ainda os pressupostos metodológicos da investigação bem como alguns exemplos significativos do que foi possível aprender relativamente à construção da colecção de cerca de trezentos objectos.

Sob o título de “Museu da Misericórdia, Museu da Cidade?” Daniela dos Santos Silva e José Luís Neto lançam-nos no âmago das disputas entre novidade e conservadorismo no Portugal dos finais do século XIX conduzindo-nos pelos meandros políticos, ideológicos ou meramente contingentes da criação e evolução do museu de Setúbal. As controvérsias, discórdias e encontros são analisadas na perspectiva dos objectivos que se defendiam, de parte a parte, para esta instituição, sempre colocando no cenário as alterações culturais, sociais e políticas mais significativas.

O texto de Madalena Cardoso Costa poderá ser lido na sequência daquele que acima referimos de Joana Baião, acerca de José de Figueiredo. Cessando aquele a sua actividade como Director do Museu Nacional de Arte Antiga em 1937, foi substituído na direcção por João Couto, que geriu o Museu até 1964. João Couto teve um papel fundamental, muitas vezes inovador, na museologia Portuguesa e este texto coloca-o em evidência. A sua obra no Museu Nacional de Arte Antiga (e em especial a ideia que defendia de que os museus são entidades em contante movimento), a questão da educação nos museus (e portanto, dos seus serviços educativos), os aspectos relacionados com a conservação e o restauro, a formação do pessoal dos museus e os estágios de museologia, entre outros, são dos temas fortes deste texto que analisa as posições de João Couto e os seus principais contributos.

Dar a conhecer as colecções de Arqueologia e Antropologia do Museu de História Natural da Universidade do Porto é o escopo principal do texto de Maria José Cunha. De facto, se bem que desconhecidos de uma parte importante do público, os acervos deste museu são de uma riqueza muito assinalável, tanto em

extensão quanto em diversidade e qualidade. Neste texto a autora faz-nos uma breve resenha histórica da instituição para depois nos lançar no cerne das suas principais colecções. Conclui com algumas notas sobre questões de conservação relacionadas com os espólios apresentados.

Ana Maria Pimenta Hoffmann propõe-nos uma descoberta das alterações produzidas no seio de alguns dos museus do Brasil, entre os anos de 1950 e 1970, no que respeita às colecções de arte contemporânea. Presenças e ausências, afirmações e contraditórios, multiplicidade e tendências entretecem um labirinto que a autora nos vai desbravando sempre com suporte em exemplos significativos e interpretados. A análise das seis primeiras bienais do Museu de Arte Moderna de São Paulo é um dos pontos importantes deste texto, remetendo o leitor para o debate que tal fenómeno gerou. Por outro lado o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo merece também atenção e escrutínio na parte final do texto.

Desta forma, percorrido este caminho ao longo de um vasto território cronológico, na realidade Brasileira como na Portuguesa, importa olhar para trás e retomar a ideia com que iniciámos esta nota introdutória: os trabalhos sobre história das colecções e história dos museus são fulcrais para a compreensão das realidades museológicas coevas, e sem eles qualquer tentativa de interpretação do que são as nossas colecções ou do que são os nossos museus está, inevitavelmente votada ao mais rotundo fracasso. Importa olhar para essas histórias, perceber-lhes as raízes e os desenvolvimentos, conhecer-lhes os actores e os protagonistas, dissecar-lhes as implicações políticas ou ideológicas, analisar-lhes os condicionalismos sociais e culturais, observar-lhes o âmago, para poder sobre esse conhecimento fundar novo conhecimento – o do que temos hoje como museus e colecções. Os textos que leremos neste volume cumprem exactamente esse desígnio e lançam fundamental compreensão sobre realidades centrais na nossa museologia contemporânea.

Uma última palavra, de agradecimento, à organização destes volumes pela oportunidade inigualável de participar activamente na produção de um tão significativo acervo de informação e de conhecimento. Como o Editor Principal desta série tão exemplarmente vinca, o trabalho partilhado e a sua realização em parceria dão os resultados que agora saem à estampa, mas à coordenação do labor cabe o agradecimento maior pela iniciativa e pela organização – e é com essa, a palavra de agradecimento, que não quero deixar de findar.